

# ASPECTOS DA PÓS- MODERNIDADE EM *A CAVERNA*, DE JOSÉ SARAMAGO

ASPECTS OF POST-MODERNITY IN *THE CAVE*, BY JOSÉ SARAMAGO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v14i27p82-95>

Thaíla Moura Cabral<sup>1</sup>

## RESUMO

No artigo que se segue, apresentaremos uma reflexão sobre alguns aspectos da Pós-Modernidade no romance *A caverna* (2000), de José Saramago. Para tal, foi preciso ilustrar um esboço sobre a constituição da personagem principal do romance, o oleiro Cipriano Algor, como sujeito que sentiu o impacto da lógica do lucro e suas consequências na vida do indivíduo. Para a concretização do trabalho, utilizamos como aparato teórico apontamentos de Zygmunt Bauman (2001), Beatriz Sarlo (2006), Anthony Giddens (1991), Slavoj Žižek (2012) e outros, no que concerne à teoria sobre o período pós-moderno e as profundas mudanças em diversos seguimentos da vida humana. Sobre a crítica literária específica do escritor português, empregamos os apontamentos de Ana Paula Arnaut (2008) e Sandra Ferreira (2015). O procedimento metodológico de construção do artigo se deu por meio da pesquisa no referencial teórico já aludido e no debruçar sobre a obra chave do presente estudo, o que nos levou a constatar o quanto José Saramago soube de forma maestra representar figuras e aspectos da memória e do viver coletivo.

## PALAVRAS-CHAVE

Literatura Portuguesa; *A caverna*; José Saramago; Pós-Modernidade.

## ABSTRACT

*In the following article, we will present a reflection on some aspects of Post-Modernity in José Saramago's novel The cave (2000). To this end, it was necessary to illustrate a sketch on the constitution of the main character of the novel, the potter Cipriano Algor, as a subject who felt the impact of the logic of profit and its consequences in the life of the individual. For the accomplishment of the work, we used as theoretical apparatus notes from Zygmunt Bauman (2001), Beatriz Sarlo (2006), Anthony Giddens (1991), Slavoj Žižek (2012) and others, regarding the theory about the postmodern period and the profound changes in different segments of human life. About the specific literary criticism of the Portuguese writer, we use the notes of Ana Paula Arnaut (2008) and Sandra Ferreira (2015). The methodological procedure for the construction of the article took place through research in the theoretical framework already alluded to and by focusing on the key work of the present study, which led us to verify on how much José Saramago was able to masterfully represent figures and aspects of memory and collective living.*

## KEYWORDS

*Portuguese Literature; The cave; José Saramago; Post-Modernity.*

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO PÓS-MODERNA

Dentre os fatores importantes a serem ponderados na dita Pós-Modernidade, podemos destacar a fluidez do “tempo” e do “espaço”. A existência “líquida” é uma experiência em disparada, em que o roteiro de mudança é alterado em ritmo cada vez maior e com profundas modificações na sociedade e no comportamento do sujeito, em tempos de consumo exacerbado e de relações humanas fragilizadas.

Para exemplificar os espaços vazios e sem significação, Zygmunt Bauman aponta para o shopping center, recinto que chama de “lugar sem lugar”. O sociólogo em questão argumenta que as pessoas percebem nos lugares de compra/consumo uma oferta “que nenhuma ‘realidade’ real externa pode dar: o equilíbrio quase perfeito entre liberdade e segurança” (BAUMAN, 2001, p. 116). Nesse espaço também se perde, alienadamente, a noção cronológica de tempo (não se sabe se é dia ou noite); independente disso, o que prevalece é o consumo.

Ainda sobre o “templo do consumo”, Beatriz Sarlo, em *Cenas da vida pós-moderna*, aponta que o shopping center é um elemento cômodo ao nomadismo contemporâneo. Uma vez utilizado um shopping em qualquer parte do mundo, pode-se “usar qualquer outro, em outra cidade, mesmo que estrangeira, da qual não conheça sequer a língua e os costumes” (SARLO, 2006, p. 19). Em outros termos, para o voo entre as marcas etiquetadas no mundo inteiro, o que está em jogo é ter em mãos moeda aceita e uma linguagem com que se emprenda comunicação com o vendedor.

Outro aspecto a ser ponderado, mediante o pensamento de Sarlo, é a produção de uma “cultura extraterritorial”. Enquanto o mundo fora do espaço do shopping exclui e segrega, naquele lugar há uma aparente ideia de acolhimento dos excluídos: mesmo aqueles que pouco ou nada consomem, e que unicamente olham e admiram, são tolerados. Cabe notar que os dias em que os pobres vão ao “templo de consumo” são os fins de semana, momento em que os ricos optam por ir a outros locais. Desse modo, não há um ambiente de mistura, pois “O mesmo espaço se transforma ao correr das horas e dos dias, manifestando esse caráter transocial [*sic*] que, segundo alguns, marcaria a ferro e fogo a virada da pós-modernidade” (SARLO, 2006, p. 21). Com isso, notamos a falsa ideia de acolhimento e convívio mútuo entre os desiguais, assim como entre os



percebemos uma crítica aos processos burocráticos que envolvem política e ética; no último, a crise de identidade do sujeito na busca de seu próprio *Eu*. Temos também *As intermitências da morte* (2005), em que fica evidente a complexa e emaranhada ligação entre vida e morte, constituindo o ciclo natural da existência. Portanto, é a partir do ano de 1995 que se inicia o segundo ciclo da produção literária do autor. Com isso, as obras saramaguianas passam a destilar uma maior universalidade dos temas. É nesse segundo ciclo que encontramos o romance em questão, *A caverna*. Nas palavras de Ana Paula Arnaut (2008, p. 47), vê-se que:

O que estes últimos romances comprovam, afinal, é um diferente tipo de interesse, e também de abordagem, em relação à sociedade e ao mundo em que vivemos. Um mundo, e não apenas um país, Portugal, onde os valores podem deixar de fazer sentido e onde o Homem pode deixar de saber quem é.

Na obra em estudo, nos deparamos com a história de uma família com tradição em trabalhos feitos em olaria. Cipriano Algor, patriarca da atual geração dos Algores, vê sua profissão perdendo sentido por conta da repentina substituição das louças de barro, as quais produzia e fornecia para o Centro, por utensílios de plástico. Ao ficar sem alternativa de sobrevivência e chegando à velhice, Algor vê-se, ironicamente, obrigado a se mudar para o chamado Centro – espécie de condomínio residencial e shopping center –, lugar em que as pessoas ali residentes são identificadas através de crachá: consomem, divertem-se, não veem a luz do sol, tampouco da lua, isto é, vivem em um local com sentidos e sensações provocados por artifícios tecnológicos. Conforme Sandra Ferreira, esse romance revela “a imobilidade do espírito num mundo cuja mobilidade maior parece ser a tecnológica” (FERREIRA, 2015, p. 18). Isso ocorre porque a promessa de vida feliz e segura promovida pelo Centro é mais uma das correntes que impedem o indivíduo de enxergar além do que se vê, ao reduzir a vida aos ditames de mais e mais lucro econômico e falsa liberdade.

No Livro VII, por via do diálogo entre Sócrates e Glauco, Platão (2005) descreve um cenário em que várias pessoas se encontram acorrentadas dentro de uma caverna com o rosto virado para a parede, de tal modo que são forçadas a permanecer sempre no mesmo lugar e olhar apenas para a frente, tendo apenas a visão de sombras do mundo real. Um desses indivíduos se liberta dos grilhões, sai da caverna e vê a luz, despreendendo-se da ignorância em que vivia ao enxergar somente a



Com a recusa das louças de barro produzidas na olaria da família, Algor depara-se com a falta de perspectiva de sobrevivência. Seu dilema consiste em conseguir chegar à fase biológica da velhice, que, para a sociedade em que vive, é tida como “improdutiva” no campo de trabalho. Observamos ainda a perplexidade do sujeito diante da desvalorização do fruto de seu esforço e a ameaça do total descarte de sua produção. Trata-se de uma verificação do valor inconstante dado ao trabalho humano e do que por ele é gerado, posto isso como uma destruição, tal como a que Marshall Berman pontua em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, quando, remetendo ao pensamento marxista, diz: “tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, [...], a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, [...], sob formas cada vez mais lucrativas” (BERMAN, 1986, p. 97).

Esse desequilíbrio estrutural entre as partes envolvidas no processo capitalista, conforme o filósofo esloveno, em *O ano em que sonhamos perigosamente*, funciona como mola propulsora da autorrevolução e da autoexpansão do capital. Alheio aos próprios grilhões, o capitalismo se intensifica, causando o desemprego que atinge “desde os desempregados temporários, passando pelos não empregáveis e permanentemente desempregados, até as pessoas que vivem nos cortiços e outros tipos de guetos” (ŽIŽEK, 2012, p. 14).

Os desempregados habitantes de guetos ou outros tipos de cortiços mencionados por Žižek são encontrados na obra de Saramago. Estes seriam os moradores das chamadas barracas; não pertencem ao lugarejo onde se situava a olaria, nem à cidade da vizinhança e tampouco à região que é chamada no romance de Cintura Industrial. As barracas “são aglomerações caóticas de barracas feitas de quantos materiais, na sua maioria precários, pudessem ajudar a defender das intempéries, [...] os seus mal abrigados moradores” (SARAMAGO, 2000, p. 14). Seus moradores são, por exemplo, desprovidos de qualquer interesse comercial do Centro, já que não são massa consumidora do que naquele local é ofertado ao público consumista.

Essa tal “cultura extraterritorial” se diz não excludente, quando, na verdade, condiciona e aprisiona o sujeito a visões e projeções de simulacros, que constituem sonhos para a autorrealização do indivíduo. Contudo, que sonhos seriam esses? Sarlo esclarece:

A cultura sonha, somos sonhados por ícones da cultura. Somos livremente sonhados pelas capas de revistas, pelos cartazes, pela publicidade, pela moda: cada um de nós encontra um fio que promete conduzir a algo profundamente pessoal, nessa trama tecida com desejos absolutamente comuns. A instabilidade da sociedade moderna se compensa no lar dos sonhos, onde com retalhos de todos os lados conseguimos operar a “linguagem da nossa identidade social”. A cultura nos sonha como uma colcha de retalhos, uma colagem de peças, um conjunto nunca terminado de todo, no qual se pode reconhecer o ano em que cada componente foi forjado, sua procedência, o original que procura imitar (SARLO, 2006, p. 25).

Dessa forma, temos os desejos que o mercado “sonha” e nos oferece. Nossa identidade é quebrada para seguir o código da moda como guia estabelecido. Assim, esses fatos etiquetados como pós-modernos, de acordo com Anthony Giddens, entrelaçam-se, em paralelo à alteração da subjetividade e da organização social global, “contra um pano de fundo perturbador de riscos de alta consequência” (GIDDENS, 1991, p. 192). Segundo Guattari (2013), o que nos chega por meio da mídia, dos equipamentos que nos rodeiam e até mesmo da família não são transferências de ideias e significações, nem modelos de identidade, mas meios conectados de sistemas de controle social.

Com o contrato para produção das louças de barro revogado pelo Centro, Marta e Marçal, filha e genro respectivamente, perceberam na situação a possibilidade concreta da ida de Cipriano com eles para morarem em definitivo no Centro, onde o genro já trabalhava e morava parcialmente. Marta não desejava libertar-se da tradição de trabalho na olaria e tampouco desprender-se do pai. Morar no Centro, para Algor, era atestar que não tinha condições de gerir sua vida em termos de dependência financeira (em relação a Marta e Marçal). Ao perceber a angústia que essa condição despertava em Cipriano, a filha pensou até chegar na ideia de produzirem novos objetos de barro:

deveríamos pôr-nos a fabricar bonecos, Bonecos, exclamou Cipriano Algor em tom de escandalizada surpresa [...], Falas como se tivesse a certeza de que o Centro te vai comprar essa bonecagem, Não tenho a certeza de nada, salvo de que não podemos ficar aqui parados [...]. Por onde começamos, perguntou, Por onde sempre há que começar, pelo princípio, respondeu Marta (SARAMAGO, 2000, p. 69).

O oleiro enxergou na ideia da filha Marta uma possibilidade de renascimento de seu trabalho, a materialização de novas formas de criação a partir do barro. Mais do que uma via de sobrevivência, continuar com a produção oleira – ainda que se sujeitando às imposições do Centro – era manter a tradição da família e a condição de permanecer morando em seu sítio e vivendo dos frutos de seus esforços. Além disso, podemos aludir, como uma metáfora, à narrativa do surgimento do homem a partir do barro. No caso de Cipriano, há a alternativa de renascer por meio do barro.

Trabalho árduo de escolha, confecção dos desenhos, moldes, modelagem, cozimento e pintura dos bonecos que seriam criados por pai e filha. Processo dificultoso dotado de experiências, de erros e acertos, haja vista que os dedos dos Algores só estavam acostumados a modelar simples louças. Com ânimo e dedicação, conseguiram produzir a primeira remessa que o Centro se propôs a aceitar para vender em fase de teste de aceitação por parte do consumidor final.

A ilusória esperança que as personagens nutriam (no sentido de a olaria continuar como fornecedora) começa a cair por terra quando foi anunciado pelo Centro um inquérito de pesquisa, para saber a recepção dos novos produtos no mercado. O resultado é negativo para a família Algor, já que, segundo a pesquisa, não há interesse da clientela por bonecos de barro. Assim, o departamento comercial desiste de comprar as estatuetas de barro:

Tenho diante de mim os resultados e as conclusões do inquérito acerca dos seus artigos, que um dos subchefes do departamento, com a minha aprovação, decidiu promover, E esses resultados quais foram, senhor, perguntou Cipriano Algor, Lamento informá-lo de que não foram tão bons quanto desejaríamos, Se assim é, ninguém o poderá lamentar mais do que eu, Temo que a sua participação na vida do nosso Centro tenha chegado ao fim, Em todos os dias se começam coisas, mas, tarde ou cedo, todas acabam, Não quer que lhe leia daqui os resultados, Interessam-me mais as conclusões, e essas já fiquei a conhecê-las, o Centro não comprará mais as nossas estatuetas. Marta, que tinha escutado com ansiedade cada vez maior as palavras do pai, levou as mãos à boca como para segurar uma exclamação (SARAMAGO, 2000, p. 291).

Agora, de fato, Cipriano Algor aceita tornar-se residente do lugar que recusou o empenho de seu trabalho. Com a sensação de estar perdido e ocioso em meio à modernidade oferecida pelo Centro, Algor decide



ondas não há, claro, Pois aí é que se engana, tem lá no interior um mecanismo que produz uma ondulação igualzinha à do mar, Não me digas, Digo, As coisas que os homens são capazes de inventar, Sim, disse Marçal, é um bocado triste. (SARAMAGO, 2000, p. 312-314).

É nessa espécie de metaverso, de vida circundada por simulacros do real, que Cipriano não pretende ficar vivendo. Marçal, que tanto desejou residir integralmente no local em que já trabalhava, paradoxalmente não conhece parte das alternativas de “diversão” proporcionadas pelo Centro. Isto é, o grande Centro, na essência, não foi construído para zelar pela condição da massa trabalhadora que lá também mora; o interesse se encontra nos clientes rentáveis enquanto estes continuarem consumindo e gerando ganho, condição que impulsiona a lógica lucrativa do sistema capitalista.

É relevante notar que, já no início dos anos 2000, Saramago nos antecipou o que muitos seres humanos, de certa forma, vivem hoje em 2022: uma realidade cada vez mais fantasiosa e um tanto quanto anestesiada por likes e curtidas nas redes sociais, acentuada ainda mais pelo atual contexto pandêmico, em que o distanciamento físico se fez extremamente necessário. É um universo em que há a possibilidade de se alienar da realidade excludente e encontrar uma forma de sedação quanto ao real do voraz cotidiano, além da fácil disseminação de ódio e de preconceitos de incalculáveis alcances. É a ratificação de que, mais do que nunca, vivemos numa caverna cingida de simulacros e fontes anestésicas.

Voltemos ao enredo do romance em estudo. Algor continuava suas andanças aventureiras pelo Centro para amenizar o ócio angustiante que o local lhe fazia sentir. Buscando penetrar cada dia mais nos ambientes obscuros e perigosos que não eram destinados aos residentes, descobriu um recinto onde estavam sendo feitas escavações abaixo do chamado piso zero-cinco, supostamente para aumentar o espaço. De princípio não obteve sucesso quanto a saber o que, por certo, era descoberto com o aprofundamento terra abaixo. A empreitada aventureira de Cipriano Algor nas profundezas do Centro atingiu o fim ao encontrar uma gruta com fósseis humanos:

Lá em baixo há seis pessoas mortas, três homens e três mulheres, Não me surpreende, era exactamente o que eu calculava, que deveria tratar-se de restos humanos, sucede com frequência nas escavações, o que não compreendo é por que foram todos estes mistérios, tanto segredo,

tanta vigilância, os ossos não fogem, e não creio que roubar esses merecesse o trabalho que daria, Se tivesses descido comigo compreenderias, aliás ainda estás a tempo de ir lá abaixo, Deixe-se de ideias, Não é fácil deixar-se de ideias depois de se ter visto o que eu vi, Que foi que viu, quem são essas pessoas, Essas pessoas somos nós, disse Cipriano Algor, Que quer dizer, Que somos nós, eu, tu, o Marçal, o Centro todo, provavelmente o mundo (SARAMAGO, 2000, p. 334).

Nesse ponto, é chegado o momento da narrativa saramaguiana em que a alegoria do mito platônico da caverna é refeita de maneira inversa por Saramago. Em Platão, o homem precisou libertar-se dos grilhões e sair da caverna para alcançar a luz metafórica do conhecimento; já no romance do escritor português, o indivíduo careceu de chegar até a escuridão para despertar do caos obscuro e alienante da vida moderna.

Assim como o homem descrito por Platão, que percebeu que as sombras projetadas pelo fogo na parede do fundo da caverna não poderiam ser a única realidade, libertando-se das correntes da ignorância pelas quais estava encadeado, Cipriano concluiu que as imagens passadas pela publicidade do Centro, sobre família harmoniosa e indivíduo feliz e realizado, na verdade eram meras ilusões que continham o propósito de acorrentar o sujeito aos ditames e imposições de uma vida de consumismo alienado. O que de fato surpreende não é a efetiva percepção diluída por Algor, mas o grande desvendar dos olhos de seu genro Marçal, descrito a seguir:

Já não sou empregado do Centro, pedi a demissão de guarda. [...] Quem não se ajusta [ao Centro] não serve e eu tinha deixado de ajustar-me, [...] E quando sentiste de que tinhas deixado de ajustar-se, perguntou Cipriano Algor, A gruta foi a última gota, como também o foi para si. (SARAMAGO, 2000, p. 346-347).

É como se Marçal tivesse ganhado um espelho e percebido um mundo doente, assim como dizia a canção do grupo Legião Urbana (1986). Com esse novo direcionamento da personagem, José Saramago nos diz que nem tudo está sob a luz do pessimismo. O que fica para a família de Cipriano é a decisão de sair da configurada rotina agonizante do viver desordenado ditado pela ótica do lucro e do consumismo. Agora, com Marçal sem trabalho e os Algores sem clientes para vender os produtos fabricados na olaria, restava-lhes a partida, abaixo descrita na narrativa:

A furgoneta foi carregada pelos homens, auxiliados pelos ladridos de estímulo do Achado, nada inquieto hoje com o que era, com clareza total, uma nova mudança, porque na sua cabeça de cão não podia sequer entrar a ideia de que estivessem para o abandonar segunda vez. A manhã da partida apareceu com o céu grisalho, tinha chovido de noite, na eira havia, aqui e além, pequenas poças de água, e a amoreira-preta, para sempre agarrada à terra, ainda gotejava. Vamos, perguntou Marçal, Vamos, disse Marta. (SARAMAGO, 2000, p. 348).

Com a libertação de Cipriano Algor, Marçal Gacho e Marta Isasca da ditadura do Centro – e ainda acompanhados por Isaura Estudiosa e o cachorro Achado –, essas personagens aventuraram-se a direcionar o olhar para uma outra realidade além da que viviam rodeados. Com isso, pode-se dizer que o caráter pessimista, muitas vezes atribuído à produção literária saramaguiana, é quebrado nesta obra, pois *A caverna* acaba mostrando que ainda há uma possibilidade de esperança na transformação humana – através, talvez, da modificação dos parâmetros consumistas da sociedade.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Platão, o indivíduo necessitou sair da caverna para enxergar a luz do conhecimento. Já na alegoria atualizada por Saramago, conforme observado ao longo do texto, o sujeito precisou ir até a caverna para perceber as correntes de um mundo virtual e de aparências nas quais encontrava-se preso e completamente vigiado. A narrativa saramaguiana nos leva a perceber, ainda, que é a partir do outro que semeamos a possibilidade de nos enxergarmos, pois, no momento em que o genro Marçal detém seu olhar no sogro Cipriano, sua visão começa o processo de limpeza de uma perspectiva turva e embaçada.

Saramago, enquanto escultor da palavra, não traz no enredo a solução, mas aponta para uma consciência crítica do sujeito, mostrando que ainda há espaço para os valores humanos, como os valores relacionados às relações familiares e a necessidade de um parâmetro universal, a exemplo da racionalidade, como contraponto à importância dada ao “ter” e ao lucro. Notamos, ainda, uma crítica contundente à possibilidade de se reduzir o viver humano às vivências voltadas para geração de lucro e a espetáculos possibilitados pelos avanços tecnológicos. Assim, percebemos a valia que a literatura tem na tentativa de

compreensão analítica e reflexiva da inserção do homem na sociedade contemporânea, imersa em réplicas e aparências.

Por fim, a obra saramaguiana estudada destila universalidade na temática, abarcando leitores das mais diversas correntes, levando-os a reflexões significativas quanto a aspectos pós-modernos relativos ao impacto que a lógica capitalista do lucro e do consumo vem causando na vida dos seres humanos, ao representar de forma maestra figuras e aspectos da memória e do viver coletivo, o que só ratifica ainda mais José Saramago como um escritor universal, traduzido, lido e compreendido nas mais diversas línguas.

## REFERÊNCIAS

- ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. MOISÉS, Carlos Felipe; Tradução de Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- FERREIRA, S. *Da estátua à pedra: percursos figurativos de José Saramago*. São Paulo: Editora UNESP, 2015. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/q65gt>>. Acesso em: 27 mai. 2022.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. FIKER, Raul [tradução]. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- LEGIÃO URBANA. *Índios*. [1986]. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/92/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- LOPES, João Marques. *Saramago – Biografia*. São Paulo: Leyda, 2010.
- PLATÃO. Livro VII. In: *A República*. BURATI, Heloísa da Graça [tradução]. São Paulo: Rideel, 2005.
- SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. 40. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. ALCIDES, Sérgio [tradução]. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- ŽIŽEK, Slavoj. *O ano em que sonhamos perigosamente*. BETTONI, Rogério [tradução]. São Paulo: Boitempo, 2012.

Recebido em 28 de fevereiro de 2022

Aprovado em 10 de junho de 2022

Thaíla Moura Cabral

Doutoranda em Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

Contato: [thaila.mouracabral@gmail.com](mailto:thaila.mouracabral@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-1603-7943>

A *Revista Desassossego* utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.